

Um convite à leitura de Frantz Omar Fanon

Silva, João Paulo de Azevedo ¹

Silva, Everaldo Fernandes da ²

RESUMO

Esse artigo é um convite à leitura compreensiva de Frantz Fanon que assim como nós, somos indagadores do mundo e sobre o mundo a partir das linhas divisórias e discriminatórias que, historicamente, construímos. Nessa perspectiva hermenêutica, Fanon nos presentifica com o sentir-pensar o mundo a partir de outro *lôcus* de percepção e de enunciação em que os sujeitos sociais, as contingências e possibilidades históricas assumem-se como produtores de conhecimentos e como *lôcus* de resistências e ressignificações. Utilizar as lentes fanonianas nos faz questionar a concepção de que o labor científico tem se tornado território de exclusividade dos varões brancos. Além disso, Fanon nos ensina a esperar por um mundo melhor, por um lugar onde os negros possam reinventar-se além dos estereótipos socioculturais, a partir de si e do referencial que seu próprio povo se identifica, expressa-se e manifesta-se em suas singularidades.

Palavras-chave: Fanon; decolonialidade; pensamento africano.

An invitation to the readings of Frantz Omar Fanon

ABSTRACT

This article is an invitation to a comprehensive reading of Frantz Fanon who, like us, are researchers of the world and about the world from the dividing and discriminatory lines that we have historically built. In this hermeneutic perspective, Fanon makes us present with the feeling-thinking of the world from another locus of perception and enunciation in which social subjects and contingencies and historical possibilities are assumed as producers of knowledge and as locus of resistance and resignification. Wearing Fanonian lenses makes us question the conception that scientific work has become the exclusive territory of white men. In addition, Fanon teaches us to hope for a better world, a place where blacks can reinvent themselves beyond sociocultural stereotypes, based on themselves and the referent that their own people identify, express and manifest in their singularities.

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Mestrando pela Universidade Federal de Pernambuco e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: jp.profpe@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4579657412148085>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9059-7626>.

² Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, orienta estudos e pesquisas na área de Teologia, Filosofia, Ciências da Religião e Educação Popular, Fundamentos da Educação e atua ainda em grupos comunitários e interreligiosos. Email: everaldo.fernandes@ufpe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0104022108712505>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8974-0878>.

Keywords: Fanon; decoloniality; african thought.

Una invitación a las lecturas de Frantz Omar Fanon

RESUMEN

Este artículo es una invitación a una lectura comprensiva de Frantz Fanon quienes, como nosotros, somos investigadores del mundo y sobre el mundo a partir de las líneas divisorias y discriminatorias que hemos construido históricamente. En esta perspectiva hermenéutica, Fanon nos hace presentes con el sentir-pensar del mundo desde otro locus de percepción y enunciación en el que los sujetos sociales y las contingencias y posibilidades históricas se asumen como productores de conocimiento y como locus de resistencia y resignificación. Usar lentes fanonianos nos hace cuestionar la concepción de que el trabajo científico se ha convertido en territorio exclusivo de los hombres blancos. Además, Fanon nos enseña a esperar un mundo mejor, un lugar donde el negro pueda reinventarse más allá de los estereotipos socioculturales, a partir de sí mismo y del referente que su propio pueblo identifica, expresa y manifiesta en sus singularidades.

Palabras clave: Fanon; decolonialidad; pensamiento africano.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é fruto de inquietações pessoais e acadêmicas, seguido também do intuito de aproximar o/a leitor/a a uma breve história da vida de Frantz Omar Fanon tendo como foco as obras *Pele negra, máscaras brancas* (2008) e *Os condenados da Terra* (1965).

Em tempos em que o bolsonarismo revela sua face mais sombria publicamente com o recrudescimento dos preconceitos etnicorraciais que julgávamos estar sem-lugar nas agendas socioculturais do século XIX-XX. Eles voltam com força e de modo significativo, inclusive alcançando de forma convincente pessoas que estão inseridas dentro dessa perspectiva subalternizada.

Este cenário embaraçado inspira-nos a necessidade de descolonizar os bastidores do imaginário social, afetivo e também de pensamentos e atitudes atuais. Utilizando as leituras fanonianas como intermediárias para nos ajudar a desanuviar as visões turvas das narrativas e interpretações enganosas de liberdade de expressão. Que tem o intuito de retomar a ordem social em nome de Deus, da Família e da Pátria, propaladas por grupos conservadores com tons neofascistas.

Os escritos de Fanon são políticos, revolucionários, poéticos, sensíveis e revelam a tensão de viver no mundo tecido pela racialização de corpos e subalternização de pessoas. Dentro desse contexto, as inquietudes dos colonizadores e colonos são partes essenciais de um movimento de mudança constante. Que pressupõe possibilidades de superação desse mundo compartimentado por intercessões diversas, mas uníssonas, em termos de dominação, exploração e negação da humanidade de homens e mulheres negros, da população LGBTQIAPN +, de ciganos e de povos originários.

O presente estudo está estruturado em seções e segue a seguinte ordem: a. introdução; b. Marcadores de vida: militância e fontes do pensamento fanoniano; c. convites à reflexão.

Frantz Omar Fanon, atualmente, é um dos pensadores mais importantes para refletir o processo de subjetivação das ideias e do imaginário de inferioridade dos Negros/as em sociedades que foram colonizadas. Em outras palavras, Fanon (2008; 1965; 1956; 1980) nos ajuda a identificar e sentir-pensar de que maneira o processo de colonização criou condições para que as subjetividades dos povos que foram colonizados sejam inferiorizadas. Por conseguinte, expropria o ser colonizado de si próprio, isso porque o mundo colonial, branco e europeu cria mecanismos que, pretensamente, intencionam convencer que a negritude “não tem cultura, não tem civilização, nem “um longo passado histórico” (FANON, 2008, p. 46).

Percebe-se por meio da leitura fanoniana que: a. ele indica as formas e processos que a colonização transforma os homens e mulheres negros/as em objetos, em coisas, em seres que não são humanos. Nesse sentido, não portam alma, filosofia, saberes, ciência, espiritualidade e tradição; b. por ser filósofo e revolucionário, além de ter formação em psiquiatria e em filosofia, teve uma prática de vida e atuação política muito ligada ao seu campo de estudo; c. analisa as formas sutis de subjetivação da subjugação das pessoas pretas.

Ao invés de estar distante do seu objeto de estudo, como nos ensinava o positivismo/cartesianismo, ele se inseriu no campo, passou a se autoanalisar e analisar os seus pares de cor negra e de heranças africanas múltiplas e comuns ao mesmo tempo. Os processos de colonização e da pós-colonialidade, são elementos que buscaram silenciar ou depreciar toda e qualquer forma de existência que foge à lógica de ser homem, heterossexual, branco, cristão, urbano e europeu, o que corrobora com o fortalecimento dos diversos tipos de racismos que presenciamos na atualidade. Nessa



perspectiva, o racismo epistêmico como esteio significativo para a manutenção dos racismos que acaba tornando-se um sistema.

Esse complexo ensina uma maneira de portar-se no mundo de forma a colocar outros coletivos humanos sob o pensamento de que nada que seja produtivo humanamente pode advir deles. Assim, Aimé Césaire (1978) revela que o processo de colonização esvaziou de significados sociedades inteiras, que portavam um arcabouço ampliado de terras, artes, sistema(s) filosófico(s), espiritual(s), científico(s) e o seu próprio processo identitário dinamicamente forjado há séculos.

Por isso, é importante que seja dito que todas as filosofias que foram silenciadas pela perspectiva colonial, eurocêntrica e branca, são “rica(s) de toda a potência produtiva moderna, cálida de toda a fraternidade antiga” (CÉSAIRE, 1978, p. 36). Em contrário ao que as sociedades colonizadoras ensinavam em relação aos humanos diferentes deles, afirmamos que o povo que foi colonizado é potente e complexo como qualquer outro.

Essas populações submetidas às políticas de invisibilidade são portadoras de saberes transmitidos através da conversação, do sentar e ouvir os mais velhos da comunidade, do respeito aos rituais, aos que ainda não estão entre nós e aos que já partiram, tais como: Orixás, encantados etc. Dessa forma, não restringirmos o saber, a filosofia e qualquer Ciência à cultura grafocêntrica, visto que existem outras maneiras de constituição, de configuração e de expressão.

Como exemplo disso, temos inúmeros contingentes populacionais que não sabem ler e escrever e, no entanto, constroem casas, elaboram filosofias advindas da ancestralidade e do cotidiano (i)mediato. Ademais, essas populações tecem todo tipo de artifício, no cotidiano, que garantem a perpetuação/manutenção dessas comunidades.

Isso porque os seres humanos são seres em construções relacionais, isto é, na medida que se relacionam com os outros seres humanos e o seu meio mais ampliam suas percepções, sensibilidades de humanidade. O movimento colonial por sua vez fecha essas possibilidades, pois exclui, ou tenta, quem tem potência de fala e de produção de sentidos e existências. Assim sendo, a linguagem nessa relação assume um papel singular, pois:

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor.

Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro (FANON, 2008, p. 33).

Porque falar, fazer uso da linguagem, é colocar-se no parâmetro de igualdade com o outro, de construtor e anunciador do mundo, seja do seu ou do Outro. Os colonizadores por sua vez buscavam silenciar e/ou esvaziar os sujeitos de sua potência criadora, construindo uma imagem desse ser a partir de referenciais limitantes. Dessa maneira, a oralidade é uma outra maneira de assumir uma postura existencial e cultural e assim passá-la adiante para as gerações atuais e seguintes, é uma forma de carregar todo o peso de uma civilização (FANON 2008).

O povo afrobrasileiro, herdeiro das tradições africanas no Brasil, mantém essa tradição da oralidade em suas expressões de vida, por isso acreditam que:

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra (BÂ, 2010, p. 27).

A oralidade é uma das variedades de ferramentas que fazem parte do universo africano e das pessoas que foram esvaziadas de sua existência no Brasil. É por meio desse instrumento que hoje ainda encontramos presentes as manifestações afrodiáspóricas: samba, candomblé, capoeira, batuque, feijoada, cuscuz, vatapá, angu e tantas outras coisas. Elas se expressam nos símbolos, códigos e maneiras de sentir-perceber o mundo que o povo afrobrasileiro detém.

Aliás, como foram por muito tempo excluídos do mundo das letras, da escrita e da educação sistematizada promovida pelo Estado, coube a esses povos (re)inventar e fortalecer modos de transmitir os saberes comunitários. Os saberes da boa convivência, do respeito aos ancestrais, do que se espera de cada indivíduo socialmente, o papel e a finalidade dos Òrisás, maneiras de sobressair-se de situações difíceis que enfrentam os seres humanos. Nesse contexto, sentimos a necessidade de falar e de escrevermos uma introdução, um convite à leitura de Fanon.

Porque Fanon nos inquieta e nos propõe enxergar a vida a partir de um outro local. Oferece novas lentes de interpretação da vida que por meio delas

pode-se perceber o que é a vida e as experiências de ser corpo excluído da humanidade. E que em um mundo gestado pela divisão racial são promovidas rachaduras nas expressões existenciais dos seres humanos vítimas dele. Como também é Fanon que empresta as lentes interpretativas da descolonização, de como esse novo mundo pode vir a ser e que está sendo na medida que (re)produzimos novas e velhas maneiras de ser/existir.

Fanon acredita que o mundo não é estático, mas um movimento constante de devir a ser. Isto é, o mundo está acontecendo instantaneamente, nesse sentido qual será o nosso papel nessa sociedade, o que fazemos e esperamos para hoje/amanhã?

Marcadores de vida: militância e fontes do pensamento fanoniano

Em uma colônia francesa, localizada na América do Norte, na Martinica, nasceu em 20 de Julho de 1925, Frantz Omar Fanon que também é conhecido por Ibrahim Frantz Fanon. A família de Fanon ocupava a classe média na sociedade da capital da Martinica, na cidade de Fort-de-France. Seu pai se chamava Casimir Fanon, era descendente de escravos e trabalhava para a administração colonial. Sua mãe Eléonore Félicia Médélice que era branca e descendente dos povos da Alsácia, uma cidade que se encontra no Estrasburgo, no contexto da colônia a mãe de Fanon tinha mais *status* que seu pai por ser branca/europeia.

Essa base familiar favorece Fanon em diversos aspectos: ele estudou no Liceu Victor Schoelcher, durante os anos de 1939-1943, sendo uma escola tradicional de Fort-de-France, de renome e status peculiar. Foi nesse espaço formativo que Fanon teve seus primeiros contatos com Césaire, que era seu professor na época. Em 1943, com 19 anos de idade, ele se preparou militarmente durante seis meses com o objetivo de formar trincheiras ao lado do Exército Francês para combater as tropas nazistas. Após esse período de preparação, Fanon atuava no *front* na África do Norte e na Europa, o que lhe conferiu a condecoração a Cabo por lutar junto às forças de resistência durante a 2ª Guerra Europeia.

Retorna à Martinica em 1945 condecorado a Cabo do Exército, e se insere ativamente na campanha política de “Aimé Césaire para prefeito de Fort de France pelo partido comunista” (FAUSTINO, 2016, p. 32). Por intermédio de uma bolsa governamental, em 1947, se inscreveu para a faculdade de medicina de Lyon e se especializou em psiquiatria quando escreveu sua tese nesse período que, posteriormente, será reconhecida mundialmente por *Pele*

negra, máscaras brancas publicada apenas em 1952 em razão do seu texto ter sido rejeitado pela banca examinadora da época.

No ano de 1952, Fanon atuou como psiquiatra no Hospital de psiquiatria de Saint-Alban, que está localizado na região de Lozère, onde é um departamento da França localizado na região Occitânia, tendo como capital a cidade de Mende. Fanon e Josie se casam e vão morar na Argélia onde ele passará a atuar por três anos no Hospital de Blida, período esse que coincide com o processo de libertação nacional da Argélia.

Em 1956, Fanon pede demissão do seu posto de médico-chefe no hospital de Blida e vai para Tunis com o objetivo de empenhar-se na luta pela libertação da Argélia (1954-1962). Um ano depois, em 1957, Fanon se filiou à Frente de Libertação Nacional (FLN), além disso ensinou na faculdade, praticou sua especialidade no Hospital de Manouba. Em 1960 escreveu *Os condenados da Terra* e em 1961 por conta da leucemia acabou passando da vida para a morte no hospital de Washington nos EUA.

Fanon também passou um período em Lyon, onde pôde iniciar e aprofundar leituras de Freud, Sartre, Marx, Hegel e outros que vieram a ser as principais fontes de seu pensar-sentir. Criou um jornal intitulado Tam-Tam e ajudou na organização da UETU (União dos Estudantes dos Territórios Ultramarinos), teve um relacionamento com uma colega de classe das aulas de filosofia, nasceu uma criança que não foi programada por nenhum dos dois. Segundo Faustino³ (2016) essa criança só foi reconhecida após a morte do autor.

Durante sua vida Frantz Omar Fanon foi revolucionário, cientista social, psiquiatra, filósofo e em alguns lugares foi chamado de “Lacan negro”. Seus trabalhos contribuíram e vem contribuindo para o fortalecimento de movimentos de libertação no que diz respeito aos âmbitos sociais e políticos em diversos lugares do mundo, especialmente, na África e na Diáspora Africana.

O contexto intelectual no qual Fanon está inserido é entre o período de 1940 e 50, as experiências na França, na Martinica e em outros lugares, contribuíram em sua formação, isso porque os saberes das grafias se entrelaçam com as experiências vividas do autor. Fanon é influenciado pelo pensamento e leituras de Césaire, manteve-se politicamente ativo e influenciou

³ Para aprofundar a leitura sobre a biografia de Fanon, recomenda-se a leitura da tese de doutoramento de Deivison Mendes Faustino: “Por que Fanon, por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil (2016): <http://www.ammapsique.org.br/baixa/Tese%20Deivison%20Faustino%20-%20Fanon%20e%20s%20fanionismos%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 01/08/2022.



produções científicas no âmbito da cultura e filosofia. A relação que Fanon e Césaire tinham era de proximidade, Césaire acabou influenciando a maneira que Fanon analisa os problemas sociais

Além de Césaire, Fanon se aproxima do existencialismo de Sartre e Simone de Beauvoir, do marxismo, da psicanálise de Freud e da dialética do senhor e escravo que pode ser encontrada em Hegel. Não são apenas as letras e a grafia que ensinam, dessa forma, existiram inúmeras outras fontes de pensamento. Das quais destacamos o processo de Libertação da Argélia que ocorreu entre 1954-1962, embora não tenha visto o final da guerra argelina, Fanon se inseriu por inteiro e participou ativamente, sendo atravessado e permeado pelos ocorridos durante o período que esteve na luta argelina (FAUSTINO, 2019).

A perspectiva existencialista de Sartre contribuiu na maneira que Fanon questionava a visão do ser humano, visto que não havia uma única maneira de estar no e com o mundo. Assim, acredita e defende que existem diferenças nas experiências de vida da população negra e da branca, isto é, ainda que vivenciem os mesmos fatos concretos, subjetivamente, são interpretados e sentidos de maneiras distintas.

Ele faz uma interrogação na introdução do seu livro *Pele negra, máscaras brancas*: “Que quer o homem? Que quer o homem negro?” (FANON, 2008, p. 26). Revela uma cisão entre as experiências racializadas da existência e as bases socioantropológicas da humanidade, impondo-se desse modo a relevância de releituras epistemológicas a partir das práticas de vidas, de existências que foram postas à margem da sociedade.

O livro *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980) é um compilado de textos feito por sua esposa, após sua morte, que contém escritos de diversos momentos e contextos sociais dissimilares. Nele encontramos as marcas e as origens do seu sentir-pensar de maneira crítico-analítica em relação à sua existência, do seu meio social e dos seus semelhantes. Há escritos neste livro que enunciam o pensamento amadurecido que iremos encontrar no *Pele negra, máscaras brancas*.

No *Pele negra, máscaras brancas*, reencontramos as ideias atravessadas e interseccionadas por grafias existenciais e análises mais alargadas, profundas e intensas. É através das análises que são feitas no seu cotidiano, por exemplo nas relações entre os médicos e o Norte-Africano, que Fanon vai percebendo que existe uma fronteira em que os povos silenciados e subalternizados não se encontram como ser, como identidade ontológica.

Nessa região, que será detalhada com maior rigor no livro já mencionado, os negros não são vistos como existências criadoras e portadoras de humanidade. E que são capazes de construir mundos, tecnologias, experiências significativas e complexas e traduzi-las para os demais. Esse lugar define e sente-percebe a existência do diferente a partir de estereótipos múltiplos construídos com a ajuda da ciência e da religião que marcam e atravessam os corpos dessa população.

Revela que na medida em que são invisíveis para direitos básicos, como: moradia, alimentação, amor, afeto e etc. São altamente visíveis a partir das marcas racistas, de manchas que enquadram um coletivo humano dentro de uma concepção depreciativa-sexual-exótica. Fanon mostra um exemplo em que o Doutor Stern propõe que para diagnosticar com maior precisão as doenças da época seria necessário contextualizar o paciente com o seu meio e Fanon questiona:

Será mesmo preciso falar delas? Não será um tanto cómico falar, em França, das relações do Norte-Africano com o seu meio? Ele terá relações? Terá um meio? Não está só? Não estão sós? Não nos parecem absurdos, isto é, sem fundamento, nos eléctricos ou nos autocarros? Onde vêm? Para onde vão? De vez em quando avistamo-los a trabalhar num edifício, mas não os vemos, avistamo-los, entrevemo-los. Meio? Relações? Não há contactos. Apenas choques. Saber-se-á o que essa palavra <<contacto>> encerra de doce e de polido? Haverá contactos? Haverá Relações? (FANON, 1980, p. 15)

São essas constatações que Fanon percebe que o lugar que o Negro-Africano ocupa dentro da sociedade racista é um lugar de (in)visibilidade, aparecendo vez ou outra com uma carga de subjetividade imposta a ele. Após dois anos de publicado o livro *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon escreve um texto sobre os *Antilhanos e Africanos*⁴, em que ele identifica que o maior inimigo do negro não é o branco e sim o próprio negro que introjeta dentro de si a branquitude e não se vê enquanto negro.

Assumindo uma imagem autodepreciativa e de negação sobre si mesmo, seus semelhantes e suas respectivas produções existenciais. Tentando a todo custo posicionar-se como um branco em todos os aspectos da vida e aviltando suas experiências mais subjetivas com o intuito da aceitação

⁴ Esse texto pode ser encontrado no livro *Em defesa da Revolução Africana*.



deste mundo. Gerando rachaduras em sua psique podendo contrair diversas neuroses e contradições psíquicas-emocionais.

Esses questionamentos, as análises e constatações feitas por Fanon ampliam a percepção de humanidade porque apresenta novas maneiras de ser e estar no e com o mundo. Assim, para ele só existe possibilidade de existência do Eu a partir do Outro, em uma relação dialética⁵ aberta e constante entre os sujeitos. Para ele, a humanidade se constrói a partir da liberdade de não ser determinado por qualquer meio limitante que seja. Isto é, ser em toda sua potencialidade e integralidade existencial, promovendo uma harmonia social pautada no respeito e na dignidade da vida humana.

Livre de um mundo racializado e estereotipado, sendo atravessado pelas relações sociais e com as práticas corriqueiras sentidas e refletidas no meio que se encontra que o Eu tem condições de se afirmar enquanto sujeito. Essas condições são pré-requisitos em que se estabelecem concretamente pontes criadoras para uma conjuntura em que o Eu pode se construir, livre das pretensões do Outro podendo alcançar igualdade de percepção sobre níveis de potência e significação.

Enquanto esse mundo ainda é um devir utópico, no caso da população negra, Fanon nos diz que: “O negro não é um homem” (FANON, 2008, p. 26), isto porque a longa história da escravidão contra a população negra colocou-a um lugar de não existência, de selvageria. Consequentemente com a negação de sua História, Cultura, Espiritualidade e etc, ocorre uma carga de estereótipos negativos e compartimentação existencial promovido pelo sistema colonial.

Sendo assim, alvo de inúmeras mortes: simbólicas e físicas com a permissão e o aval de um Estado que é protetor de uma ideologia que sente-percebe o mundo racializado (MBEMBE, 2014). Essa população foi criada e inventada pelo homem branco, pelo sistema colonial e racista, esvaziada de si mesma, agora tem por objetivo criar condições que superem esse estágio que se encontram. Condições estas que estão inseridas dentro de um contexto de buscas da Liberdade de se autoconstruir a partir das relações e não dos adjetivos criados pelo sistema referencial do ser humano branco.

No processo de construção de um novo mundo, Fanon torna-se um intérprete relevante desse processo de desconstrução de mentalidades e subjetividades que acreditam ser superior ou ainda daqueles que desacreditam de seu potencial de existência. A análises de autopercepção fanoniana,

⁵ Nessa perspectiva entram as influências de Hegel no pensamento fanoniano.

leva-nos a constatar que o dilaceramento da comunidade negra é fruto de uma questão que relaciona-se com as epistemologias que são produzidas e tidas como legítimas no mundo.

O que corrobora com a construção de um racismo epistêmico⁶, levando-nos a crer que a Ciência promovida pelo Ocidente que está centrada na questão racial e sexual seja superior às demais existentes no mundo. Isto é, a adoração à figura do homem branco como único produtor de conhecimento e de saberes diversos em todo o mundo, cedendo espaços e reivindicados, vez ou outra para/pelas mulheres brancas. Esse arcabouço referencial foi o que educou muitas populações que foram colonizadas e, hoje, diversas vozes fazem coro reivindicando seus respectivos locais de respeito e potentes criadores de vida.

Entre essas vozes, encontramos Fanon e o elencamos para indicar como uma possibilidade de enxergar um novo mundo. Assim, escolhemos duas obras para aproximar o(a) leitor(a) de Fanon: *Pele negra, máscaras brancas* (2018); *Os condenados da Terra* (1965)⁷. O primeiro retrata a situação do homem negro, especificamente o ser humano colonizado nas antilhas francesas, mas suas análises também podem ser utilizadas em relação a outras pessoas em diferentes espaços geográficos, especialmente, nas diásporas:

Lembremos ainda uma vez que as conclusões às quais chegaremos só são rigorosamente válidas para as Antilhas francesas; não ignoramos, entretanto, que os mesmos comportamentos podem ser encontrados em meio a toda raça que foi colonizada (FANON, 2008, p. 40).

No livro *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon busca descrever e retratar sobre as relações raciais e coloniais. Nessa obra, ele busca compreender o racismo em sua totalidade revelando seu aspecto objetivo, isto é, as práticas ordinárias do homem e da mulher negros/as racializado e sentido-percebido com máscaras brancas. Além disso, também nos aponta

⁶ Esse texto pode ser encontrado separado através da revista convergência crítica em 2018, como também está inserido no livro *Em defesa da Revolução Africana*, do próprio Fanon, em que reúne diversos escritos do autor.

⁷ Optamos por essas duas obras em específico porque elas apresentam as ideias sistematizadas, organizadas e maduras do pensamento fanoniano, embora ele tenha escrito inúmeros outros textos tais quais: *A Família Argelina*, *Antilhanos e Africanos*, *Racismo e Cultura*, *Pela Argélia* e outros mais que podemos encontrá-los reunidos no livro *Em defesa da Revolução Africana*. Todos esses são textos embrionários ao que vai ser inicialmente *Pele Negra e Máscaras Brancas* e depois o livro *Os condenados da Terra*.

aspectos subjetivos, demonstrando o que a negação de humanidade pode causar em termos psíquicos-emocionais nos corpos negros. Em outras palavras, ele mostra como as relações entre colonizador x colono são tecidas e as possíveis consequências dos racismos estabelecidos nesta relação tanto para o opressor quanto para o oprimido.

Discorre ainda sobre a identidade negra com muito cuidado para não resvalar em palavras que contribuam para o fortalecimento de estereótipos coloniais/racistas. Por isso, busca falar de uma identidade partindo da restituição de uma humanidade que o colonialismo buscou negar dos negros, nos movimentos de autoafirmação da negritude em todo seu complexo referencial. O colonizador, através de todo o processo de colonização, reduziu os negros aos estereótipos, gestando clichês que contribuíram na visão do autor por criar um complexo de inferioridade nesse povo.

Fanon confronta esses estereótipos mostrando que o Negro é um sujeito como qualquer outro e que tem aptidões quanto qualquer outro. Portanto, cabe ao Negro decidir sua função e finalidade na vida e não se prender e/ou limitar aos estereótipos construídos, aos efeitos deles e nem permitirem paralisar emocionalmente, como Freud aponta nos livros sobre as *Cinco Lições de Psicanálise* (1910).

A colonização nega toda potência humana advinda de pessoas que fogem à sua lógica existencial e instrutiva. Assim, busca silenciar e eliminar a história, a produção cultural e tudo que é indetectável como sistema referencial do povo negro, o que contribuiu para a construção de uma visão inferiorizada que alguns negros têm de si próprios nos dias atuais. A leitura de *Pele negra e máscaras brancas* nos mostra como essa relação do negro no e com o mundo do branco torna-se negativa para ele enquanto ser particular e também coletivamente.

A profundidade e o enredo do livro mencionado conduz-nos a perceber que Fanon ultrapassa os limites acadêmicos, porque além dele buscar “ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (FANON, 2008, p. 43). Também encontrou categorias analíticas que identificam o âmago do mundo racial e suas inúmeras maneiras de expressar-se em cada sujeito a depender do seu contexto social. E apontou os elementos que contribuem para esvaziar o sujeito negro de sua ontologia.

Esse livro foi a tese de seu doutoramento em psiquiatria, no entanto, foi recusado pela banca avaliadora, julgaram imaturidade e paixões pessoais nas análises (FAUSTINO, 2016). Foi uma obra publicada quando o autor tinha 27 anos, embora tenha escrito esse texto com 25. Em resumo, cabe dizer que o

livro *Pele negra, máscaras brancas* é uma análise ontológica e psicológica das relações que foram estabelecidas através do colonialismo entre o homem/mulher negro/a e o homem/mulher branco/a. E como essas trocas de experiências gestaram complexos depreciativos à figura do ser humano negro e também uma larga inferiorização subjetiva do próprio ser negro.

A obra *Os condenados da Terra* foi publicada pela primeira vez em 1961, meses antes de sua morte, quando Fanon aprofundou suas análises sobre os efeitos da colonização na saúde mental dos seres humanos nas nações do Sul e também nas pessoas que participavam da revolução da Argélia. Foi escrita no período que ele militava em prol da independência desse território. Nesse período, Fanon sentiu na pele, refletiu e aprofundou seu pensamento anticolonial, a escrita desse texto revela aos leitores as marcas que o processo revolucionário causou tanto em Fanon quanto nos seus pacientes.

O conjunto de palavras utilizadas por ele permite-nos adentrar no teor revolucionário do autor, sempre pontuando que a superação do colonizado passa pela violência direta contra o colonizador. Assim, nos diz que:

A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo é, como se vê, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de uma agitação natural ou de um entendimento amigável (FANON, 1965, p. 18).

Outro elemento que percebe-se durante a leitura são as colocações a respeito do presente-devir, crendo e protegendo que a história é produto do agora e do futuro, acontece na mesma medida e proporção que idealiza e vice-versa.

Revela que a libertação deve ocorrer a partir do oprimido, não do opressor, o colonizador não tem o poder permissivo da revolução, da libertação. É papel do colonizado de forma individualizada/coletiva decidir e construir o futuro de sua vida, o que resultará em um coletivo consciente de suas existências e atitudes cotidianas. Produzindo, na mesma proporção, mudanças para as estruturas do país como também potencializar lutas por um futuro humanizado.

Nesse sentido, a busca por construir um mundo melhor se constitui de uma prática emancipatória no cotidiano: “o colonizado descobre o real e transforma-o em movimento da sua prática, no exercício da violência, no seu projeto de libertação” (FANON, 1965, p. 30). Um movimento constante, circular e de continuidade: ação, teoria, ação: dialética existencial e epistêmica em



busca da superação ontológica e subjetiva. Superando-se e questionando-se a si mesmo, seus pares e o seu meio existencial com um esforço quase que incansável para construir o que se pretende.

Ele chega à essa conclusão pois identifica que a violência que a colonização implica sobre os seres humanos que vivem sob essa lógica retira a humanidade do oprimido. Visto que para os indivíduos existirem em sua integralidade é necessária uma relação livre entre duas ou mais pessoas e o seu meio. Esse processo de dominação, embora creia-se aparentemente que uma das partes ganham algo é equivocada segundo Fanon. Animaliza-se todas as relações e torna o ambiente conflituoso constantemente, necessitando sempre de heróis e vilões e similaridades.

Para superar esse estágio, acredita na violência absoluta como processo de expropriação de visões degenerativas, tais como: superior x inferior, maior x menor e semelhantes. Assim, defende um processo decolonial sendo uma possibilidade de mudança conjuntural desses conflitos gestados na colonização que necessitam confrontar-se e resolver questões existenciais. É fruto e papel da descolonização a criação de novos homens e mulheres, pessoas que não serão vistas como inferiores nem por si nem por ninguém.

Também não serão racializadas e/ou compartilhadas em estereótipos diversos:

A descolonização é realmente a criação de homens novos. Mas esta criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma força sobrenatural: a «coisa» colonizada converte-se, no homem, no próprio processo pelo qual ele se liberta (FANON, 1965, p. 18-19).

Não refere-se apenas a uma violência motivada pelo simples ódio bruto e absoluto, mas percebemos que refere-se a uma abrangência que afeta todas as esferas da vida, incluindo as maneiras de produções epistêmicas.

A partir das lentes fanonianas vê-se uma ampliação do campo e dos sujeitos de análises, pois estudos recentes demonstram que essas chaves de interpretação podem ser utilizadas em corpos que foram atravessados por processos semelhantes aos que ele menciona, tais como no Brasil. Por isso, lê-lo serve para revelar os processos, as temporalidades e as ferramentas que os povos afrobrasileiros utilizam para inserir-se tanto no “mundo branco” como nas suas atitudes mais genuínas que encontram-se nas contradições a esse mundo.



Essa experiência demonstra que, pela repetição e intensidade das narrativas da branquitude, a negritude se enquadra, se convence, acredita no potencial do colonizador e através desse sistema de referência que lhe é imposto todo esse complexo é reforçado. Em outras palavras, por meio do sistema referencial da colonização, do mundo ocidental, europeu e branco, as assimilações que o povo negro faz da sua própria cultura e existência muitas vezes são tais quais as dos racistas não se diferenciando significativamente (FANON, 2008).

No caso do Martinicano, quanto mais ele falava o francês corretamente mais próximo do mundo racista ele estava e era visto como um dos que projetaram esse sistema. Pois, “aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase-branco. Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: falar como um branco” (FANON, 2008, p. 36). Pontuamos aqui que a experiência corporal tanto no mundo do branco como no universo da negritude são diferentes em suas expressões mais diversas.

O corpo,

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

O cartesianismo contribuiu significativamente com a ideia de superioridade mental sobre o corpo, submetendo dessa forma o corpo à mente. Criando modos de interpretar esquemas corporais diferentes e geralmente negando toda sua potencialidade e existência enquanto ser humano integral. A história nos mostra que o corpo na Idade Média era visto como um templo sagrado que guardava a alma e com o advento do Iluminismo essa lógica cairia em desuso, dando espaço para o surgimento de ideias onde buscavam colocar o corpo sob o domínio da mente. A ciência ocidental, a partir de então, manipula o corpo de acordo com o que se tem na mente, podemos ver como exemplo as manipulações estéticas que vêm ocorrendo com maior frequência nos últimos anos.

A vigilância sobre o corpo atravessa toda a vida do ser humano colonizado, o enrijecimento corporal dentro do sistema escolar ajuda no processo de enquadrar o povo negro ao sistema colonial/racista. Diferentemente do mundo colonizado, europeu, branco e masculino, as



produções fanonianas e da descolonização apontam e sugerem uma diferenciação quanto a configuração do corpo, isto porque o corpo não está submetido à mente.

Com isto, reflete-se que o corpo é ponto de partida que se inicia a aprendizagem, o sensitivo, a vida em sua mais ampla concepção. É por meio do corpo que a existência material constrói mundos, ciências, filosofias, artes, mitos, histórias populares etc; o corpo é a origem, a sede do ser, do expressar-se e do existir de todo o saber humano. Trata-se da compreensão de um corpo que reúne uma ancestralidade, espiritualidade, pensamento e sensibilidade em sentidos amplos, densos e multiformes.

Eduardo David de Oliveira (2005) defende, em sua tese de doutoramento, a importância de filosofar desde o corpo e “reconhecer que o corpo é filosofia encarnada e cultura em movimento” (OLIVEIRA, 2005, p. 15). Enquanto a colonialidade insiste em negar o corpo como meio de construção de existência e como filosofia encarnada, as filosofias africanas destacam a importância do corpo, tanto nas diversas manifestações culturais, na produção de alimentos e utensílios diversos como também na confecção de ciência/filosofia.

A importância do corpo, para os contingentes populacionais referenciados na África, se dá não pela dicotomia ou pelo dualismo aos quais por muito tempo essa população teve que estar submetida. Ele é percebido como ancestral, potente, livre, unido e integral ao todo, por isso Fanon (2008) resgata por intermédio das palavras a notoriedade do corpo para os/as negros/as:

Sim, nós (os pretos) somos atrasados, simplórios, livres nas nossas manifestações. É que, para nós, o corpo não se opõe àquilo que vocês chamam de espírito. Nós estamos no mundo. E viva o casal Homem-Terra! Aliás, nossos homens de letras nos ajudam a vos convencer. Vossa civilização branca negligencia as riquezas finas, a sensibilidade! (FANON, 2008, p. 116)

O corpo não é meramente receptáculo da alma, tampouco está submetido ao que a mente ou a cultura deseja, porque o corpo é histórico, material, é um elo entre passado/presente e futuro. Esse corpo traz consigo, através das marcas e símbolos que carrega e revela nas mínimas manifestações e movimentos, toda a história de um povo. Ao mesmo tempo em que é meio, é também princípio e fim. É o que produz o gozo e o que goza, que



produz o sensitivo e, ao mesmo tempo, é capaz de alcançar o concreto, o imediato e o palpável da vida e das relações (OLIVEIRA, 2005).

No mundo em que a referência é o modelo racista/branco, isto é, nas epistemologias produzidas no Norte global, o corpo é negado e esvaziado de sentido. Nas epistemologias do Sul ele se encontra potencializado, vivo, os saberes são transmitidos e carregados através dele e com ele, como nos mostra Santos (2019)

As epistemologias do Sul tratam de conhecimentos que estão presentes na resistência e na luta contra a opressão ou que delas surgem, conhecimentos que são, por isso, materializados, corporizados em corpos concretos, colectivos ou individuais (SANTOS, 2019, p. 157).

O mundo a partir dessa perspectiva reducionista tem dificuldade em perceber e aceitar a dimensão que o corpo carrega e ocupa na ampla dimensão da vida. Para esse *lôcus* enunciativo de um mundo dividido, o corpo é mero receptáculo e não produtor em si e para si, por isso não tem potenciais afetivos, emocionais e gesticular. Perceber o corpo em toda sua densidade é compreender que até o ato reflexivo em si necessita de um corpo e tudo que envolve os sentidos ou não perpassa por toda a dimensão corporal.

Esse corpo denso, complexo, ancestral e histórico revela uma situação de (in)coerência que Fanon nos diz que enquanto o corpo negro é visto como ser racializado gera tensões paradoxais, pois é um corpo que não pode ser visto em meios sociais a não ser ocupando espaços delimitados e a polícia é o mecanismo que garante essas marcas geográficas não serem ultrapassadas.

Costa (2016) nos diz que a situação paradoxal encontrada por Fanon na questão da invisibilidade do corpo e do ser Negro se encontra no fato dele poder ser visto. E não é visto por inteiro, mas compartimentado e estereotipado que o racista o vê apenas em sua exterioridade em que busca prender a figura do Negro ao passado e ao atraso, em outras palavras, nos estereótipos criados pelo racismo/colonialismo. Isso ocorre porque:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema da sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que depende seu valor e sua realidade humana (FANON, 2008, p. 180).



Esse processo em que passam as pessoas na colonialidade é atravessado pela necessidade de reconhecimento do sistema simbólico branco. O que leva-as a comportar-se de maneira que agradem ao devido sistema, que não contrarie sua lógica, revelando que as pessoas que se encontram nessa situação estão destituídas de ontologia. Que estão dominadas tanto no campo social-econômico, quanto no político pelas pessoas brancas, já que elas são as que detêm posição de reconhecimento social e de poder nessa sociedade racista.

Essa “anedota” sobre o corpo reflete e exemplifica o que Fanon sente e percebe sobre a relação entre cultura e racismo. Porque falar de racismo(s) sem contextualizar numa determinada cultura revela lacunas que podem prejudicar a análise de toda a questão da estrutura colonial e da estrutura moderna, neoliberal. Em outras palavras, se falarmos de racismo de forma isolada, não poderemos compreender a totalidade da estrutura que se insere a Negritude⁸. Assim, demonstra que o racismo que se apresenta no século XV tem formas, conteúdos e processos distintos do século XXI. São os contextos culturais que irão predizer os estereótipos estabelecidos, os processos de subjetivação desses preconceitos, numa palavra, do racismo.

O racismo primitivo, segundo Fanon (1956), pautava-se na biologia, enquanto que o racismo moderno insere-se na cultura que, por sua vez, tem efeitos diversos no corpo e na psique do sujeito negro. Os processos que o racismo no estágio do colonialismo se apresentam não têm por objetivo um “homem particular, mas uma certa forma de existir” (FANON, 1956, p. 2). Ressaltamos aqui que dentro dos processos de opressão sistematizada de um povo, o racismo é o contorno de todo o processo de opressão que o povo negro passou/passa.

No mundo (pós)colonial “assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário e as técnicas são desvalorizados” (FANON, 2018, p. 3), são objetificados e subalternizados. Todo sistema de referência desse povo é marginalizado, exposto como erro, como selvagem, como uma via onde não se deve ir, pois corre o risco de pairar-se.

A industrialização traz consigo novas formas de racismos que são atravessados por outros fatores e outras secções (AKOTIRENE, 2019). Fanon nos mostra que “a perfeição dos meios de produção provoca fatalmente a camuflagem das técnicas de exploração do homem, logo das formas do racismo” (FANON, 1956, p. 82). Da mesma forma que a cultura modela o

⁸ Utilizamos a palavra Negritude referindo-se a um sentimento de pertença étnico-racial que se difundiu por toda a diáspora africana.

racismo, assim também o racista é propulsor de formas culturais que não são semelhantes ao longo do marco temporal da história.

À medida que o racista se esconde em novas roupagens, a cultura vai adaptando-se e permanecendo racista como antes, porque o racista não foi superado e nem curado de sua psicose. O que contribui para que essa estrutura de opressão deteriore e esvazie de sentido o rosto da cultura que ela mesma pratica, gerando e produzindo contradições. Não apenas a cultura, mas sim todo o sistema simbólico, cultural, epistêmico, religioso e artístico.

A descolonização apontada por Fanon seria o choque de duas forças que são, essencialmente, adversas. Esse elemento seria uma superação da situação que a colonização deixou através de marcas que estão nos corpos e nas subjetividades do colonizado. Portanto, para Fanon, o colonizado para superar essa situação deverá passar por um processo de libertação que ele próprio (re)cria⁹.

CONVITE À REFLEXÃO

Fanon nos ensina a esperar por um mundo melhor, por um sociedade onde os negros possam construir-se sem estereótipos, a partir de si e do referencial que seu próprio povo partilha e se orgulha. Para isso, há que se confrontar com essa estrutura colonial e racista renovando a mentalidade e construindo ações antirracistas. A história, cultura, civilização e todo o sistema de referência que seu povo lhe confere e transfere por diversas estratégias, mecanismos e formas socioculturais são as ferramentas que fortalecerá esse percurso.

Além disso, através de seus escritos revelou que a superação dessa estrutura colonial passa também pelo confronto direto dos mecanismos do colonialismo. Após esse momento, nascerão novos homens e mulheres com mentalidade de respeito ao diferente, que abrirão espaços para que o Eu se constitua na relação com o Outro livre de estereótipos. A descolonialidade é um projeto que busca reverter esses processos de subalternização dos corpos negros. Não é inverter os papéis de dominação, mas de lutas afirmativas que produzem corpos que sentem, refletem, existem e se legitimam no mundo.

⁹ Sobre essa perspectiva da libertação mental que o colonizado precisa passar através do seu próprio empenho e disposição, indicamos a música de Bob Marley: redemption song.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BÂ, Hampaté A. **A tradição Viva**. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Livraria Sá da Costa Editora, 1978, Lisboa.
- COSTA, Joaze Bernadino. **A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona**. Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul.-set. 2016
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.
- FANON, Frantz. **Em defesa da Revolução Africana**. Livraria Sá da Costa Editora, 1980.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Editora Ulisseia, Lisboa, 1965.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. **Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes**. Comunicação apresentada no II Colóquio Internacional sobre Sartre: interseccionalidades na compreensão do sujeito contemporâneo (30/09/2019-02/10/2019), 2019. Anais disponíveis em https://62ef5947-15f3-4d11-8e06-a2717f546840.filesusr.com/ugd/bb549f_7aaf5c2a8a3d4aebb5158f5dec7c9a6a.pdf. Acesso em 20/03/2022
- FAUSTINO, Deivison Mendes. **“Por que Fanon? Por que agora?” : Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. São Carlos: UFSCar, 2016.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Volume XI, 1910.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Antígona editores refractários. Lisboa/Portugal, 2014.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Tese (Doutorado) - Curso em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo. A afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Submissão em 25 de dezembro de 2022.

Aceite em 09 de junho de 2023.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e257026 [2023]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.257026>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e257026 [2023]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.257026>